

Uma crônica exemplar

Josaphat Marinho

Costumo recordar, meditando ou em diálogos constantes, a figura singular de Otávio Mangabeira, seu espírito público e sua clara visão da política e da vida. Com ele muito aprendi para o exercício da atividade pública. Aprendi sobretudo a exercê-la com tolerância e, ao mesmo tempo, a resistir ao arbítrio. Com tolerância para respeitar os direitos de todos, inclusive dos adversários. Com resistência para não ceder aos abusos nem desprezar as idéias. Relembro sempre, e mal não há em repetir, duas de suas notáveis lições. Uma ao deixar o governo da Bahia, agradecendo ao povo e expressamente também aos seus críticos e adversários a benevolência com que o trataram. A outra, ao refletir, no ostracismo, que “foi a teoria das acomodações ilimitadas que aluiu, no Brasil, a política e os políticos”. E, em verdade, continua a aluir.

Desenvolveu essas duas faces da sua personalidade com impressionante coerência. No poder, a magnanimidade, na oposição, no exílio ou na prisão a altivez sem jactância. Ministro ou governador, o mando não lhe fez esquecer a certeza da relativi-

dade ou transitoriedade da função de comando. Manteve-se humilde sem falsas demonstrações de populismo. Era simples, com inalterável compostura. No infortúnio político crescia sua individualidade, na defesa dos seus e dos direitos de todos os cidadãos. Perseguido por quinze anos depois de 1930, não se rendeu aos poderosos. À violência e à mesquinhhez respondeu com a firmeza do caráter e a capacidade de afrontar dificuldades e perigos. Ao morrer, trazia no bolso do pijama que vestia a famosa frase com que Rui Barbosa vergastava a vitória das nulidades e dos maus.

Em todos os momentos, pensou mais no país e nos seus concidadãos. Nas cartas e nos manifestos que escreveu da prisão ou do desterro, eram os interesses gerais, o destino nacional que o preocupavam. Se em alguns desses documentos cuidou de sua situação, foi para realçar a violência a que estava exposto, e como ele todas as pessoas. Vigorosamente expressivas desse propósito são as duas cartas que dirigiu ao general Dutra, então ministro da Guerra, responsabilizando-o e às Forças Armadas pela

prisão que sofria. Sem temor, afirmava que eram elas que sustentavam o Estado Novo. Investindo contra a força, alheio a conseqüências, lamentava a sorte do país e do povo e apontava riscos futuros, como previu, na crise de 1955, a formação de um governo militar. Sendo um espírito de concórdia, não ocultava, entretanto, a visão das tempestades.

Essa capacidade de premonição do baiano eminente acaba de ser revivida por Hélio Pólvora numa crônica perspicaz, serena, justa e de estilo. Escrevendo sobre o “profeta da crise”, salienta a humildade com que Mangabeira se dirigiu ao povo de Ilhéus, apesar de se tratar de candidato ao governo com eleição segura. Usava a linguagem comedida do homem educado. Nota, porém, que falando à região cacauzeira num momento de prosperidade, ele não deixou de pensar no futuro. Sobretudo não lhe parecia que se estivesse fazendo o que era natural e necessário. E advertia, para espanto de muitos, que “a prosperidade de hoje bem pode transformar-se nas agruras de amanhã”.

Assim o cronista ilustre, filho da re-

gião, diante da terrível crise de hoje, devastadora do cacau, recorda “o contorno de um orador sábio e previdente”. Muitos o consideravam um pessimista, que exprimisse revolta pelos anos de sofrimento. Não o conheciam esses na intimidade de seus sentimentos, nem o notável espírito público de que era portador. Por isso mesmo a crônica de agora, de quem não foi militante a seu lado, tem significado especial ao chamá-lo “estadista de visão”. É o julgamento de um intelectual na maturidade, e não do jovem de 17 anos que se empolgou com o tributo. Apreciação dessa natureza precisa multiplicar-se sobre homens representativos do passado. Será forma de fazer-se a história e a justiça histórica. Será processo civilizado de julgamento como o de Hélio Pólvora. Ao invés do elogio fácil, e não raro interessado aos detentores do poder, o reconhecimento da verdade, alicerçada no tempo. Será a boa educação, enfim, para o fortalecimento da consciência de todas as gerações.

■ Josaphat Marinho, ex-senador pela Bahia, é professor emérito da Universidade de Brasília e da Universidade Federal da Bahia

03 ABR 1999

CORREIO BRAZILIENSE